

# **SURDOS FILHOS DE PAIS OUVINTES: O QUE DIZEM AS FAMÍLIAS EM RELAÇÃO À AQUISIÇÃO DA LIBRAS (LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS) COMO PRIMEIRA LÍNGUA.**

Larissa Braga Coelho<sup>1</sup>

Josiane Marques da Costa<sup>2</sup>

## **Resumo**

Com base no percentual onde 95% das crianças surdas são filhas de pais ouvintes, e nas barreiras comunicativas entre estas crianças e seus familiares, é de extrema importância compreender sobre as concepções refletidas pelos pais ouvintes que têm filhos surdos e sua dinâmica familiar. Com isso, preocupo-me em analisar quais as percepções que estes pais possuem acerca da aquisição da Libras como primeira língua para a criança surda analisando se com a aprovação da “Lei da Libras - Lei 10436/02” e da implementação do Decreto 5626/05 este discurso evoluiu acreditando acerca das visões e representações sobre a importância da Libras. A metodologia que utilizamos é qualitativa e pesquisa documental, já que aprofundaremos na temática utilizando de diferentes documentos selecionados para o embasamento teórico, com o objetivo de solucionar hipóteses. Os resultados da pesquisa demonstram que com o passar dos anos os discursos não apresentam grandes evoluções acerca da aquisição da Libras como primeira língua já que a visão clínica-terapêutica ainda se faz presente.

**Palavras-chave:** aquisição da libras; crianças surdas; pais ouvintes; família.

## **1 INTRODUÇÃO**

A motivação principal para o desenvolvimento desta pesquisa se dá pelo fato de ter, em minha família, parentes ouvintes que têm filhos surdos. Os pais acreditavam que a surdez era uma doença e por um duradouro tempo, estes usavam somente a oralidade como forma de comunicação com seus filhos surdos, o que trazia limitações na comunicação. Atualmente, esses pais dominam parcialmente a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e, ainda assim, utilizam alguns gestos caseiros para a comunicação com sua filha. Contudo, é possível observar uma barreira comunicativa entre a criança surda e seus familiares, já que na sua casa não há uma língua comum, nem a Libras, nem a língua portuguesa.

De forma geral, muitas vezes os pais ouvintes não compreendem que a criança surda é completamente apta para desenvolver uma língua espaço-visual e ter uma cultura e identidade

---

<sup>1</sup> Larissa Braga Coelho: estudante do Curso de Pedagogia. Universidade Federal de Lavras. Contato: larissabraga43@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Josiane Marques da Costa: docente do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Lavras. Contato: josiane.costa@ufla.br

própria (BERGMANN, 2001). Por essa razão, no presente trabalho, busco compreender quais são as representações e as concepções refletidas, pelos pais ouvintes que têm filhos surdos, na dinâmica familiar.

A Língua de Sinais é considerada língua natural das comunidades surdas e detém de um sistema linguístico próprio, permitindo a comunicação entre surdos e ouvintes que possuem também conhecimentos dessa língua. Nesse sentido, para Gesser (2009) a Libras é um sistema linguístico usado na comunicação dos surdos brasileiros e foi oficializada por meio da Lei nº. 10.436, de 24 de abril de 2002, e regulamentada pelo do Decreto nº. 5.626/05.

A partir dessa contextualização é importante destacar que a aquisição da Libras, como primeira língua para as crianças surdas, é de fundamental importância. Contudo, como a maioria das crianças surdas nascem em famílias de pais ouvintes, muitas delas não têm a oportunidade de adquirir tal língua como sua primeira língua. Com isso, uma das questões que têm recebido atenção, por parte dos pesquisadores, é a relação entre pais ouvintes e filhos surdos e a percepção que estes têm acerca da aquisição da Libras como primeira língua da criança surda.

É importante destacar que a família constitui o primeiro grupo social no qual a criança é inserida e, nesse contexto, o âmbito familiar possui um relevante papel no desenvolvimento educacional da criança surda. Para Guarinello (2013) a base familiar é de extrema importância para a criança surda, pois tal base ressalta o papel de cooperação no processo de desenvolvimento da criança. Contudo, alguns desafios são enfrentados pelas famílias ouvintes, após seu filho ser diagnosticado com surdez, já que essas famílias passam por um período de adaptação à essa nova condição.

Uma das principais barreiras entre os surdos, filhos de pais ouvintes, é a escolha de comunicação da família com a criança, visto que, os pais entram em conflito em relação à aquisição da linguagem para decidir se seu filho surdo irá adquirir a língua portuguesa, língua materna dos pais, ou a Libras, considerada a primeira língua das crianças surdas (GUARINELLO, 2013). Com a premissa de que a Libras é considerada a primeira língua das crianças surdas e que a maioria dessas crianças são filhas de pais ouvintes realizamos a seguinte pergunta: qual o discurso dos pais ouvintes, que têm filhos surdos, acerca da aquisição da Libras como primeira língua para seus filhos?

O foco do presente trabalho é analisar o discurso de pais ouvintes que têm filhos surdos, acerca da importância da aquisição da Libras como primeira língua, buscando compreender se tais discursos foram alterados ao longo das conquistas legais da comunidade surda. Portanto, para responder à pergunta de pesquisa, o objetivo geral deste trabalho é analisar o discurso de

pais ouvintes que têm filhos surdos, após a aprovação da “Lei da Libras - Lei 10436/02” e da implementação do Decreto 5626/05. Já os objetivos específicos são: (i) identificar nos resultados de pesquisas científicas, o discurso dos pais ouvintes acerca da importância da aquisição da Libras para seus filhos surdos; (ii) analisar as possíveis mudanças de concepções dos pais ouvintes, ao longo dos anos, em relação à importância da aquisição da Libras como primeira língua para seus filhos surdos.

A metodologia adotada neste trabalho é de cunho qualitativo e documental. Inicialmente realizamos uma pesquisa bibliográfica, por meio das plataformas *Google acadêmico* e *SciELO*, as pesquisas selecionadas para o presente estudo foram produzidas entre os anos de 2002 à 2020, considerando o ano de aprovação da Lei da Libras de 2002.

Esse trabalho foi dividido da seguinte forma: na primeira seção tratamos do referencial teórico que discute a importância da aquisição da linguagem para crianças surdas; o Português como segunda Língua para crianças surdas e o papel da família ouvinte na vida de seus filhos surdos. Em seguida, apresentarei a metodologia deste trabalho, a análise dos dados e por fim os resultados e discussões acerca das visões e representações sobre a importância da Libras para os pais ouvintes que têm filhos surdos.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 A importância da aquisição da linguagem para crianças surdas**

A Libras é uma língua de modalidade espaço-visual e natural das comunidades surdas do Brasil, assim, de acordo com Avelar e Freitas (2016) essa língua dispõe de níveis sintático, semântico, morfológico, fonológico e do nível pragmático. Compreendida como um sistema linguístico natural e como a forma de comunicação e expressão da comunidade surda, a Libras só foi reconhecida no Brasil no ano de 2002, por meio da Lei nº 10.436/2002. Nesse contexto,

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

A Libras como língua natural é um instrumento de materialização do pensamento das pessoas surdas, visto que, por meio dessa língua os surdos conseguem expressar o que estão pensando, bem como suas intenções e sentimentos. Assim, é importante destacar e discutir sobre a importância da aquisição da Libras, como primeira língua, para as crianças surdas.

De forma geral, a aquisição da linguagem por crianças ouvintes ou surdas, está relacionada diretamente com a sua cultura e identidade, conforme aponta Rossi (2000). Para a autora, é por meio da comunicação que a criança constrói sua realidade social, descobrindo

sobre si através das interações no âmbito familiar. Contudo, tais interações nem sempre acontecem entre as crianças surdas e seus familiares, visto que de acordo com Lichtig e Barbosa (2009), cerca de 95% das crianças surdas nascem em famílias de pais ouvintes e, dessa forma, a aquisição da Libras ficará comprometida dada a língua materna dos pais. Assim sendo, a família possui um importante papel no processo de aquisição da linguagem da criança surda e a falta de discernimento ou aceitação acerca da surdez e da Libras como primeira língua pode ser decisiva na perda do seu período de aquisição da linguagem.

Pizzio (2011) debate sobre o período ideal para a aquisição da linguagem por crianças surdas, explicando que tanto as Línguas de Sinais quanto às línguas orais são congêneres em relação ao seu processo de aquisição, porém as línguas de sinais não são executadas através do canal oral-auditivo, mas sim por meio da modalidade espaço visual, dessemelhante das línguas faladas. A criança surda quando apresentada à língua de sinais adquire tal língua assim como as crianças ouvintes, transpondo por similares fases do desenvolvimento linguístico.

Quadros (1997) e Karnopp (1999) apontam para quatro fases no processo de aquisição da linguagem por crianças surdas: (i) pré-linguístico; (ii) estágio de um único sinal; (iii) estágio das primeiras combinações e (iv) estágio de múltiplas combinações. O primeiro estágio, pré-linguístico, tem início no nascimento das crianças e dura até os 14 meses de idade, tanto em bebês surdos quanto em ouvintes. Os bebês passam por um fenômeno designado como balbucio. As crianças surdas balbuciam com as mãos, inicialmente estabelecendo uma produção gestual para posteriormente compor seus primeiros itens lexicais, no qual são semelhantes aos sinais, mas que ainda não dispõem de significados (NEWPORT; MEIR, 1985). Já as crianças ouvintes fazem o uso da apontação para indicar o que almejam.

Esses balbucios realizados pelos bebês antecedem a formação dos primeiros sinais, em outras palavras, eles produzem gestos que posteriormente se assemelham aos sinais, possuindo significados. Segundo Pizzio (2011, p. 05), “nesse período parece ocorrer uma reorganização básica em que a criança muda o conceito da apontação inicialmente gestual (pré-linguística) para visualizá-la como elemento do sistema gramatical da língua de sinais (linguístico)”. Os bebês surdos, assim como os bebês ouvintes, realizam o balbucio oral e gestual, entretanto a vocalização é interrompida na criança surda em um determinado período, bem como o manual é suspenso na criança ouvinte.

Para Ingram (1989), a criança surda bem como a criança ouvinte é semelhante em relação às suas vocalizações, visto que ambas emitem os mesmos balbucios vocais, com o intuito de percorrer acerca de suas capacidades vocais nas primeiras 30 semanas de vida. À

vista disso, o balbucio vocal pode ser considerado como um *input* linguístico, sendo imprescindível para a criança se desenvolver linguisticamente. Os gestos manuais são executados de modo similar ao longo do primeiro ano de vida, o que torna dificultosa a diferenciação do balbucio manual de surdos e ouvintes para a diferenciação de sinais e gestos. A título de exemplo, dá-se a movimentação de mãos para o bebê indicar um dado objeto.

O estágio de um único sinal começa por volta dos 12 meses e dura até os dois anos de idade. Quadros (1977) evidencia em seus estudos que, as crianças surdas e ouvintes fazem o uso do gesto de apontar para indicar objetos, entretanto, a criança surda ao introduzir-se no estágio de um sinal deixa o conceito gestual (pré-linguístico) para a base linguística da língua de sinais.

No estágio das primeiras combinações, para Quadros (1977), em torno dos dois anos de idade a criança surda com o intuito de se comunicar começa a aplicar o estágio dos primeiros sinais, propiciando assim, o estágio das primeiras combinações de sinais, nesta combinação a criança utiliza dois a três sinais produzindo palavras isoladas para se comunicar, apontando, tocando e olhando. Por exemplo, as crianças surdas sinalizam sobre “*eu querer*”, ou seja, assim ela está adquirindo a sua língua nativa.

Por fim, por volta de dois anos e meio a três anos, a criança surda perpassa pelo estágio das múltiplas combinações, apresentando o que os pesquisadores nomearam de “explosão de vocabulário”. Para a Quadros (1997), nesse estágio a criança começa a distinguir e diferenciar os pronomes em Libras, como, por exemplo, *cadeira* e *sentar*. Neste estágio, a criança também tenta utilizar a configuração de mão para a produção de sinais mais complexos, mas com movimentos típicos do sinal simplificado. Assim, nesse estágio as crianças surdas começam a introduzir sentenças mais complexas, além da produção das expressões faciais.

No desenvolvimento da linguagem para o bebê surdo, a comunicação visual, o uso de expressões faciais e a produção gestual são princípios de extrema importância para o desenvolvimento linguístico dessa criança. Karnopp (1999), refere que, as crianças surdas filhas de pais ouvintes não dispõem da mesma disciplina da atenção visual que usufruem as crianças surdas, filhas de pais surdos. Isso porque, as crianças surdas que têm a Libras como língua materna são estimuladas em Libras, desde quando nascem.

Conforme exposto, a aquisição da Libras por crianças surdas é de fundamental importância para o desenvolvimento pleno das pessoas surdas, já que o canal perceptual propício, tanto compreensão quanto para materialização do pensamento, se dá por meio da visão. No próximo tópico, abordaremos questões relacionadas à importância da aquisição da

Libras, da aprendizagem do português escrito como segunda língua e da relação e comunicação entre pais ouvintes que têm filhos surdos.

## **2.2 O português como segunda língua para crianças surdas e o papel da família na aquisição da Libras como primeira língua**

A aquisição da Libras para a criança surda é um princípio fundamental para que a mesma disponha do seu conhecimento de mundo e para seu processo de escolarização, sendo de fundamental relevância no processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, assim como evidencia Quadros (2000). Para o surdo dispor de um aprendizado e conhecimento efetivo dos conceitos linguísticos, é de extrema importância que a Libras seja utilizada como primeira língua (L1), isto é, que o surdo se torne bilíngue.

O Decreto 5.626/05 defere que os surdos têm direito ao acesso à educação e ao ensino da Libras, bem como da modalidade escrita da língua portuguesa, desde a educação infantil. Segunda Silva (2007), a aprendizagem da língua portuguesa, da leitura e escrita, por alunos surdos se difere da aprendizagem dos alunos ouvintes, se tornando um desafio para o ensino e educação, já que, para os surdos, a língua de sinais, língua de modalidade espaço-visual é completamente diferente da língua portuguesa, já que esta é uma língua oral-auditiva. Silva expõe que:

[...] se por uma via, a questão do aprendizado da Língua Portuguesa é um dos temas mais discutidos no contexto da educação de Surdos, quando os ouvintes falam sobre as dificuldades dos Surdos em relação à leitura e à escrita em Português. Por outra, cada vez mais a língua de sinais vem se destacando como a língua mediadora de acesso ao conhecimento e, inclusive, como língua base no aprendizado da língua (SILVA, 2008, p.37-38).

Quadros e Schmiedt (2006) também reforçam que os surdos apresentam uma dificuldade para compreender o significado das palavras em português, por se tratar de uma segunda língua. A partir dessa contextualização sobre a importância da aquisição da Libras, como primeira língua, para crianças surdas e do português escrito como segunda língua, inserimos uma discussão sobre a família ouvinte que têm filhos surdos.

Visando o desenvolvimento da criança surda filha de pais ouvintes, Gomes (1994) considera o convívio e o apoio familiar como fundamental, pois é este o primeiro grupo que a criança é inserida, vivenciando suas primeiras experiências pessoais. Nesse sentido, o ambiente familiar contribui para formar a personalidade e as características sociais, além de acolher e incluir. Para Gesser (2009), o ambiente familiar também promoverá a capacidade linguística da criança. Para que haja a aquisição da Libras a família deve assegurar e promover a interação com as crianças surdas por meio da língua de sinais. Porém vale destacar que, conforme aponta

Behares (1996), 95% das crianças surdas nascem em famílias de pais ouvintes e, na maioria dos casos, a família não faz o uso da língua de sinais com os bebês surdos.

Nesse contexto, no interior do âmbito familiar instituída por ouvintes, as crianças surdas passam por ausência de diálogos, de compreensão e falta de comunicação, já que, segundo Strobel (2013), é possível observar a falta de conhecimento da Língua de Sinais ou até mesmo a rejeição dessa língua materna para a criança surda. A esse respeito a autora expõe sua própria vivência com a Libras, apontando: “em muitas ocasiões eu não entendia o que falavam ao redor da mesa durante as refeições ou durante as novelas na televisão e, muitas vezes, implorava às pessoas pela pouca atenção e explicação sobre tudo” (STROBEL, 2013, p. 61).

Para a comunicação e interação entre pais ouvintes e filhos surdos que não se comunicam por meio da língua de sinais, observa-se o desenvolvimento de gestos caseiros, já que a criança surda não capta os impulsos auditivos e sua atenção fica voltada para elementos visuais, como, por exemplo, as expressões faciais. Conforme expõe Bergmann (2001), a interação e comunicação entre a criança surda e os pais ouvintes ficam falhas, surgindo obstáculos nessas comunicações e interações.

Nesse sentido, a autora surda Laborit (1994) também através de suas experiências pessoais, relata como se dá a ausência de interação no âmbito familiar entre pais ouvintes e crianças surdas e como os pais ouvintes nunca irão compreender os anseios das crianças surdas que são privadas de utilizar das Línguas de Sinais. A autora relata que:

[...] há a solidão, e a resistência, a sede de se comunicar e, algumas vezes, o ódio. A exclusão da família, da casa onde todos falam sem se preocupar com você. Porque é preciso sempre pedir, puxar alguém pela manga ou pelo vestido para saber, um pouco, um pouquinho, daquilo que se passa em sua volta. Caso contrário, a vida é um filme mudo, sem legenda (p.59).

Silva e Bastos (2013) explicam que a criança surda pode ser exposta a frustrações no próprio âmbito familiar devido à ausência de uma língua comum e através da carência de diálogo, entendimento e interações, prejudicando suas interações com a sociedade. Nesse sentido,

(...) isso mostra a necessidade de refletirmos com seriedade sobre a importância de trazer as crianças surdas ao contato com surdos adultos para criarem um vínculo identificador cultural [...] Esse contato da criança surda com adultos surdos, através de uma língua em comum, que é a língua de sinais, é que proporcionará o acesso à linguagem e, dessa forma, assegurará a identidade e a cultura surda, que são transmitidas naturalmente à criança surda em contato com a comunidade surda (STROBEL, 2013, p. 48).

Quando os pais ouvintes intensificam e sentem-se preparados para aprender a Língua de Sinais, torna possível a interação linguística com seus filhos surdos, avançando as possibilidades de trocas e interações. Isso porque:

A criança surda, com pais fluentes na língua de sinais, integra-se à família como participante, pois participa do dia a dia, quer saber e consegue saber o que está sendo dito pelas pessoas e pelos meios de comunicação. Os pais, então estabelecem uma relação comunicativa efetiva com o seu filho, fortalecendo a relação pai e filho. Nesse processo os pais passam a compreender o filho e o filho passa a compreender os seus pais. As crianças tem a oportunidade de expressar para a família o que pensam, sentem, imaginam e o que não sabem, estabelecendo trocas comunicativas efetivas. (QUADROS e CRUZ, 2011. p. 38).

Por fim, é possível observar que se o vínculo e igualdade entre os pais ouvintes e as crianças surdas, através da Língua de Sinais, a relação entre a família se fortalecerá e a criança surda contará com um ambiente favorável e propício para seu desenvolvimento de modo geral. Portanto, a aquisição da Língua de Sinais tanto para a família ouvinte quanto para as crianças surdas promovem a interação e a concretização da comunicação entre ambos.

### 3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada, no presente trabalho, é qualitativa e pesquisa documental. Nesse contexto, vale ressaltar que:

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências [...] A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. (GEHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 31).

Neste trabalho, utilizamos a abordagem qualitativa que permite o aprofundamento da pesquisa estudada, além de utilizar a análise documental na qual se utiliza de diferentes documentos selecionados para embasamento teórico, com o objetivo de solucionar hipóteses.

A pesquisa documental de acordo com Lüdke e André (1986, p. 38), “[...] pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja completando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema”. Portanto, tal pesquisa engloba diferentes áreas de conhecimento, servindo de registro ou comprovação de fatos. Com isso, foram realizados cautelosos processos de coletas e seleções dos documentos para interpretação e análise de dados.

Inicialmente, realizamos uma pesquisa nas plataformas *Google Acadêmico* e *Scielo* sobre estudos que discorrem acerca do discurso de pais ouvintes que têm filhos surdos. As palavras-chave empregadas para localizar tais pesquisas científicas, sobre a temática, foram: família ouvinte; filhos surdos; surdos filhos de pais ouvintes e aquisição da Libras. A partir da pesquisa inicial, selecionamos cinco artigos para analisar os discursos dos pais ouvintes que têm filhos surdos, conforme apresentado na tabela a seguir:

**Tabela 1:** Artigos encontrados dos anos de: 2004, 2007, 2013, 2014, 2015.

Artigo	Referência
<b>Artigo 1:</b> A experiência de famílias no convívio com a criança surda.	OLIVEIRA, Raquel Gusmão; Simionato Marlene; Nigrelli Maria Elisabeth e Marcon, Sonia. A experiência de famílias no convívio com a criança surda. <i>Acta Scientiarum - Health Sciences</i> , v. 26, n. 1, p. 183–191, 2004.
<b>Artigo 2:</b> Mães ouvintes com filhos surdos: concepção de surdez e escolha da modalidade de linguagem.	SILVA, Angélica Bronzatto; PEREIRA, Maria Cristina; ZANOLLI, Maria de Lurdes. Mães ouvintes com filhos surdos: Concepção de surdez e escolha da modalidade de linguagem. <i>Psicologia: Teoria e Pesquisa</i> , v. 23, n. 3, p. 279–286, 2007.
<b>Artigo 3:</b> Reflexões sobre as interações linguísticas entre familiares ouvintes - filhos surdos.	GUARINELLO, Ana Cristina <i>et al.</i> Reflexões sobre as interações linguísticas entre familiares ouvintes - filhos surdos. <i>Tuiuti: Ciência e Cultura</i> , v. 46, p. 151–168, 2013.
<b>Artigo 4:</b> O processo de aquisição da linguagem na perspectiva dos pais de alunos surdos.	CRUZ. Raquece. O processo de aquisição da linguagem na perspectiva dos pais de alunos surdos, v. 53, n. 9, p. 1689–1699, 2014.
<b>Artigo 5:</b> Análise da interação linguística entre pais ouvintes e filhos surdos no município de Ariquemes/RO.	MARA, Alzira F. Análise da interação linguística entre pais ouvintes e filhos surdos no município de Ariquemes/RO. 2015

Após a seleção das pesquisas apresentadas acima, procedemos com a análise, buscando constatar qual o ponto de vista dos pais ouvintes que têm filhos surdos, sobre suas percepções em relação à importância da Libras para seus filhos surdos. Além de identificar e analisar se, no discurso dos pais ouvintes, houve mudança de concepções ao longo dos anos após o reconhecimento da Libras como língua da comunidade surda brasileira.

Para constatar os resultados e discussões, estabelecemos dois critérios, sendo eles: (i) visões apresentadas pelos pais ouvintes sobre a surdez (visão clínica-médica ou uma visão de uso social da Libras); (ii) como ocorre a comunicação entre pais ouvintes e filhos surdos e a importância dada à aquisição da Libras, por pais ouvintes.

#### **4 ANÁLISE DOS DADOS**

A seguir descreveremos os estudos selecionados para este trabalho e, posteriormente, apresentaremos os resultados e discussões.

O artigo 1, intitulado “*A experiência de famílias no convívio com a criança surda*”, das autoras Raquel, Marlene e Elisabeth, publicado no ano de 2004, teve como objetivo observar as dificuldades das famílias ouvintes em conviver e se adaptar com uma criança surda. Os dados foram coletados na cidade de Maringá, no estado do Paraná, sendo realizado através da Anpacin (Associação Norte Paranaense de Áudio Comunicação Infantil) e em conjunto com as famílias ouvintes com filhos surdos que frequentam a associação. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, individualmente, constituídas por doze questões, com a duração de em média 50 minutos utilizando da metodologia descritiva-exploratória e qualitativa. Participaram da pesquisa seis mães que acompanhavam seus filhos, diariamente, até o término das atividades na Anpacin, sendo cinco mães ouvintes e, apenas uma mãe surda. As famílias relataram suas experiências, a partir da descoberta da surdez e os desafios enfrentados.

O artigo 2, “*Mães ouvintes com filhos surdos: concepção de surdez e escolha da modalidade de linguagem*”, de 2007, escrito pelas autoras Angélica, Maria Cristina e Maria de Lourdes buscou compreender quais concepções as mães ouvintes constroem com seus filhos surdos através das vivências na sociedade. Com o objetivo de compreender a visão das mães em relação à surdez e qual a língua usada na comunicação entre a mãe e a criança surda, as autoras realizaram entrevistas semiestruturadas gravadas, através de equipamento de áudio-cassete, com as mães. Participaram deste estudo dez mães ouvintes acompanhadas de seus filhos surdos no Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação (CEPRE/FCM/UNICAMP). As crianças-participantes da pesquisa foram agrupadas de acordo com a faixa etária: 3 a 6 anos, que frequentam pré-escola regular, e um outro grupo de crianças de 7 a 10 anos, que frequentam escola regular do ensino fundamental.

O artigo 3 denominado como, “*Reflexões sobre as interações linguísticas entre familiares ouvintes - filhos surdos*” (2013), de Ana Cristina Guarinello, teve como objetivo analisar as interações entre as famílias ouvintes com filhos surdos e quais aspectos subjetivos os familiares possuem sobre a modalidade de linguagem e o desempenho da criança. A pesquisa

de cunho qualitativo, foi iniciada com reuniões do grupo de familiares de surdos que eram pacientes de terapias fonoaudiológicas da clínica de fonoaudiologia da Universidade Tuiuti do Paraná. Contou com dois investigadores: um fonoaudiólogo e um psicólogo que elaboraram perguntas acerca; (i) do ressentimento familiar em relação a surdez, (ii) das relações linguísticas, (iii) da relação familiar etc. Os temas citados acima foram abordados através de debates, com o intuito de “estimular as pessoas a tomarem consciência de sua situação e condição e a pensarem criticamente sobre elas” (KROMER, 2003, p. 66). Os encontros foram gravados em fitas VHS e o conteúdo foi posteriormente analisado. Participaram da pesquisa cinco mães foram entrevistadas no período de 2005 a 2009 e seus nomes, por sigilo, foram substituídos por M1, M2, M3, M4 e M5, que tinham como tarefa relatar as vivências com seus filhos surdos.

O artigo 4, “*O processo de aquisição da linguagem na perspectiva dos pais de alunos surdos*”, publicado no ano de 2014 e escrito por Raquece Mota Honório Cruz, teve como objetivo analisar como se deu o processo de aquisição através das perspectivas de pais ouvintes com filhos surdos, sendo eles alunos de uma escola pública do município de Iguatu no Ceará. A coleta de dados se deu por meio de questionários e entrevista aos pais de três alunos, do município de Iguatu. Foram usados nomes fictícios para preservar os três alunos surdos, seus nomes fictícios ficaram denominados por: *Carlos, Mary e Jonh*. Inicialmente, as pesquisadoras dividiram o perfil dos estudantes em uma tabela que descreve a idade, o ano que iniciou o processo de escolarização, o ano escolar atual, a fluência em libras e a fluência em português.

Por fim, o artigo 5, intitulado “*Análise da interação linguística entre pais ouvintes e filhos surdos no município de Ariquemes/RO*”, de 2015, produzido pelas autoras Mara e Silva, teve como objetivo analisar as relações familiares entre surdos filhos de pais ouvintes, além de analisar como esses pais contribuem para o desenvolvimento de seus filhos. O estudo teve o intuito de apurar a importância da Língua Brasileira de Sinais no desenvolvimento e comunicação da família. As informações foram coletadas por meio de trabalho de campo e entrevistas. Foram realizadas quatorze questões, com os pais ouvintes que possuem filhos surdos, na cidade de Ariquemes/RO.

## **5 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A seguir discorreremos as discussões e os resultados dos artigos analisados, com base nos seguintes critérios: (i) visões apresentadas pelos pais ouvintes sobre a surdez (visão clínica-

médica ou uma visão de uso social da Libras); (ii) como ocorre a comunicação entre pais ouvintes e filhos surdos e a importância dada à aquisição da Libras, por pais ouvintes.

### **5.1 Critério (i) – Visões apresentadas pelos pais ouvintes sobre a surdez (visão clínica-médica ou uma visão de uso social da Libras).**

A visão clínica-terapêutica que concebe as pessoas surdas do ponto de vista patológico, parece predominar na visão e no discurso de muitos pais ouvintes, embora as pesquisas e legislações tenham avançado no sentido de compreender as pessoas surdas por meio social da língua, ou seja, por meio da visão socioantropológica. Nesse sentido, Araújo e Lacerda (2010) explicam que “os conceitos de pessoa surda sofreram modificações no sentido de reconhecê-la na sua diferença linguística e não como portadora de uma deficiência” (p. 696).

No artigo 1, de Oliveira, Simionato e Negrelli (2004), é possível observar, no discurso dos pais ouvintes, que a chegada de seus filhos surdos influenciaram, de forma positiva e negativa, na rotina da família. Isso porque eles relatam que a notícia sobre a surdez os levaram a mudar alguns sonhos e projetos da família. Na fala dos pais ouvintes, é possível observar expressões como: *“quando eles saem ninguém percebem que eles são surdos”*; e *Foi difícil aceitar no começo.*; *“Foi um choque na primeira impressão”* e *“Porque isso foi acontecer com a gente?”*. Por meio dessas falas apresentadas acima, é possível inferir que as famílias ouvintes apresentam uma dificuldade na aceitação de seus filhos surdos e, podem apresentar também uma negação em relação à condição dos seus filhos. Essa visão está muito relacionada ao contexto clínico-terapêutico, visto que, a família, nessas condições, tende a procurar formas de tratamento para seus filhos surdos.

No artigo 2, de Silva, Pereira e Zanolli (2007), podemos observar a mesma visão sobre a surdez, exposta no artigo 1. Isso porque no discurso da maioria das mães entrevistadas, a surdez aparece como um tipo de deficiência que pode ser superada ou minimizada por meio da língua oral-auditiva e de tratamentos (aparelhos auditivos, implante coclear e fonoaudiologia), conforme podemos ver nas falas a seguir: *“A surdez é um problema, mas não é porque é surdo que vai falar que é inválido. Tem como recuperar”*; *“Eu acho que é uma deficiência, é, mas ela tem tudo se a criança for trabalhada, como a gente está buscando atendimento, ela está sendo atendida, ela pode vir a ser uma pessoa normal”*; *“do aparelho quando a pilha acaba, ele já sabe, por isso que eu falo que o nervosismo é por causa que não ouve. Ele fala que não está ouvindo nada, nada e pega e joga a pilha fora. A pilha acabou mesmo e ele fica bravo”*

Ainda nesse estudo, podemos observar que as mães utilizam o termo “problema” substituindo o termo “deficiência” para designar a surdez de seus filhos, conforme trecho

exposto por uma das mães: *“Eu não vejo mais como um problema, porque nossa era o fim do mundo (...) acho que a surdez, não é assim um bicho de sete cabeças, é difícil, mas é superável”*. Contudo, mesmo que haja um desvio no termo utilizado pela mãe, há também uma pequena mudança de concepção, da negação para aceitação do filho surdo e a surdez como superável.

No artigo 3, de Guarinello (2013), analisando 5 mães também nomeadas por (M1, M2, M3, M4 e M5) onde todas as crianças surdas fazem o uso de aparelhos auditivos, também pode observar uma visão clínico terapêutica através da fala da M2: *“Às vezes ele faz gestos, mas na maioria ele fala. Só que às vezes é meio difícil de entender o que ele está falando, né? Daí ele procura fazer com gestos até você entender direito. Mas ele fala mais.”* Podemos observar que os gestos e a fala é vista como necessária pela família. Ainda neste estudo, a mãe relata que para ela: *“Não consigo entender nada do que ele fala, nem os gestos eu consigo entender.”*

No artigo 4 de Cruz (2014), embora não aparece de forma explícita o discurso de pais ouvintes sobre uma possível cura para a surdez de seus filhos, a autora explica que, nos dados de sua pesquisa, retirados de reuniões com os pais ouvintes, mães relataram acerca do uso da leitura labial e de atividades copiadas no quadro, deixando a criança isolada em um canto da sala de aula sem se comunicar com ninguém. Com isso, nesse estudo podemos observar um o avanço acerca da escolha de modalidade da língua, escolhida pelos pais ouvintes, para se comunicar com seus filhos surdos. Podemos observar essas mudanças no discurso: *“a Libras é a língua do surdo mesmo, pois foi com ela que ele aprendeu. O certo é que toda a família aprenda para se comunicar com seus filhos surdos.”*

Por fim, o artigo 5, de Mara (2015) as falas das mães entrevistadas demonstram que, ao descobrir que seus filhos eram surdos, estas entraram em estado de choque e sentiram revolta, culpa, confusão emocional e até mesmo negação, pois temiam que seus filhos sofressem preconceito. Dessa forma, as mães entrevistadas nesse estudo procuraram por possíveis tratamentos e cura para os filhos. As mães foram questionadas sobre: quais providencias tomaram após o diagnóstico médico acerca da surdez? As repostas foram: **Mãe A:** providenciou um aparelho auditivo para sua filha ouvir e procurou uma fonoaudióloga; **Mãe B:** declarou que foi para São Paulo com o objetivo de buscar uma escola especializada e que sua filha usou aparelho dos 4 aos 13 anos de idade, além de sempre ser acompanhada por fonoaudióloga, psicóloga, pediatra e otorrino. **Mãe C:** viajou para Curitiba para colocar o aparelho em seus filhos, mas posteriormente o próprio médico relatou que o uso do mesmo não iria fazer seus filhos ouvirem. A mãe **C** explica que *“os médicos disseram que não tinha jeito que eles nunca iam escutar”*. **A mãe D:** buscou recursos para que fosse feito uma cirurgia e,

com 2 anos de idade, sua filha começou a usar o aparelho auditivo, o que gerou muita expectativa, mas não trouxe a audição, conforme podemos ver em sua fala: “demorou  *muito pra cair a ficha, [...] até então eu fiquei correndo atrás de cura, pra mim que existia uma cura*”.

Após essas informações pode-se perceber que os pais dos estudos buscaram auxílio, após o diagnóstico da surdez de seus filhos para melhor compreender sobre o assunto, observando que muitos buscaram uma visão clinico-terapêutica, como vimos em todos os resultados da pesquisa. Contudo, ao longo das falas é possível observar uma pequena mudança de concepção, visto que, embora os pais tenham procurado por alternativas terapêuticas, demonstram que essas alternativas parecem não funcionar e serem eficazes para a comunicação com seus filhos.

## **5.2 Critério (ii) – Comunicação entre pais ouvintes e filhos surdos e a importância dada à aquisição da Libras, por pais ouvintes:**

Iniciamos nossas análises, inicialmente, pelo artigo 1 de Oliveira, Simionato e Negrelli (2004). Por meio dos discursos apresentados pelas mães, participantes da pesquisa, havia um anseio e uma tentativa de estabelecer a comunicação com seus filhos surdos utilizando a Libras, conforme podemos observar: “*Em casa ele não usa Libras, só agora estou fazendo o curso, às vezes ele usa alguns sinais, mas na escola ele se comunica muito bem em Libras. Me arrependo muito de não ter feito o curso a mais tempo*”. Ao longo dos resultados desse estudo, foi possível observar que, embora todas as mães apresentavam um pouco de conhecimento em Libras, o maior desafio por elas, no convívio com seus filhos surdos, foi a comunicação devido ao aprendizado tardio da Libras. Essa questão reforça as afirmações de Castro (1999) sobre a importância do desenvolvimento das habilidades linguísticas por meio da Língua de Sinais, em crianças surdas e sobre a eficácia da Libras no processo de comunicação entre crianças surdas e pessoas ouvintes, no nosso caso, com pais ouvintes.

Contudo, embora as mães tenham relatado sobre a importância da comunicação com seus filhos surdos, por meio da Libras, estas não apresentaram falas acerca da importância dada à aquisição da Libras pelos pais ouvintes, ou seja, nenhuma das famílias relataram que a comunicação, o entendimento, o convívio e o desenvolvimento da criança surda estão diretamente ligados ao âmbito familiar e a aquisição da Libras, assim como expõe Stelling (1999).

No artigo 2, de Silva, Pereira e Zanolli (2007), as mães que participaram da pesquisa apresentaram discussões sobre a modalidade das línguas: oral-auditiva ou espaço-visual, utilizada pelas mães ouvintes para comunicação com seus filhos surdos. Após analisar as

concepções de surdez que as mães entrevistadas apresentavam, esse estudo evidenciou que as mães transitavam entre o uso da Libras, de gestos caseiros e da leitura labial da língua portuguesa. Isso pode ser observado nas falas das mães a seguir: **Mãe 1**: “*ele faz assim igual quando ele quer brincar de alguma coisa, ele faz assim a bicicleta (faz o sinal) (...) ele não fala bicicleta, ele fala ‘cadê mãe’ (e faz o sinal), acho que é difícil falar bicicleta sabe, quando ele está vendo os livrinhos dele, ele sabe qual é o cachorro, qual é o leão, ele faz assim (sinal) às vezes nem faz, mas produz o som, faz ‘aarr’, (...) fala e faz assim, a maioria das coisas que ele consegue falar bem, porque ele sabe o sinal, porque ele fala e faz o sinal de cachorro, faz as duas coisas*”. Outra mãe do estudo (**Mãe 3**) explicou que a comunicação com seu filho surdo era realizada através da fala: “*(...) é porque é mais fácil, o sinal é muito difícil*”. Nessa fala, é possível observar que há uma dificuldade de comunicação da criança surda, já que a mãe relata dificuldade com a modalidade espaço-visual, ou seja, com a Libras.

Ainda nesse contexto, é possível complementar que o estudo revela que a escolha feita pelos pais ouvintes, em relação a modalidade utilizada na comunicação com de seus filhos surdos, ocorre a partir da base, do conhecimento e das informações que estes possuem acerca da surdez, como podemos verificar a seguir: (i) “*com a linguagem dos sinais, é o correto (...) não acho que eles têm que falar. Quando os estrangeiros vêm aqui, não é obrigatório ter que falar a nossa língua, só os que realmente querem aprender, não acho assim que tem que falar, sabe, não acho. Se conseguir falar, graças a Deus, amém, melhor ainda para ela, senão não vou você tem, você tem, porque isso aí acaba se tornando uma obsessão, você acaba até atrapalhando alguma coisa na vida da criança*”; (ii) “*antes era só sinais, hoje é mais a fala, mas também tem sinais (...) ela mesmo já falou pra mim que não quer que faça mais sinais, mas não tem como, ela mesma acaba falando por sinais e eu também, não tem como, em casa teve uma época que só falava e ela falava ‘faz com a mão mãe, fala com a mão’, então quando a gente estava fazendo sinais ela ‘fala, fala com a boca’, então teve essa convivência assim e se hoje ela não entende, que eu percebo que ela não entende, eu faço sinal, ou então ensino na fala quando é um sinal que eu não sei*”.

Entretanto, por mais que tenha um avanço acerca da aquisição da Língua de Sinais, podemos perceber que em sua fala “*Se conseguir falar, graças a Deus, amém, melhor ainda*” que ela descredibiliza o uso da Libras em relação as suas possibilidades linguísticas. O estudo também expõe discursos como: podemos perceber que a fala e a língua de sinais faz parte na realidade desta criança surda, podendo observar que não houve avanços em relação a importância da aquisição da Libras para seus filhos surdos.

No artigo 3, de Guarinello (2013), algumas mães explicam que a comunicação com seus filhos surdos ocorria por meio de gestos, e outras mães relataram não compreender a comunicação dos filhos, por meio da Libras. É importante destacar que os gestos não podem ser confundidos com os sinais das línguas de sinais, visto que, os sinais possuem gramática e estrutura próprias, convencionalizada nas comunidades surdas. Dessa forma, a utilização de gestos, língua oral-auditiva e língua de sinais, pode trazer ruídos e dificuldades na comunicação, conforme podemos detectar nas falas das mães: *“Não consigo entender nada do que ele fala, nem os gestos eu consigo entender”*; *“Geralmente quando eu tô lendo um texto, eu tento explicar com uma figura, tento mostrar. Eu que leio, ele também lê, aí eu explico. Ele assiste jornal, sabe o que está acontecendo, sabe o que é droga, sabe tudo, que foi preso porque roubou tal coisa, ele conta tudo pra você, mas tem coisa que eu não consigo. Por exemplo, do foguete, o astronauta lá. Ele sabe que é brasileiro porque ele tá vento a bandeira do Brasil, mas ele quer que eu explique porque, que distância, como é daqui até lá, quanto tempo leva prá chegar lá, como é que eu vou saber.”*

Através dos discursos das mães observamos também a dificuldade de comunicação entre a família ouvinte e a criança surda, sendo estabelecida devido a diferença entre as línguas utilizadas pelos familiares ouvintes e as crianças surdas. Essa questão também pode ser identificada nas seguintes falas: *“Quando eles são pequenininhos é mais fácil explicar... só que agora ele já está ficando maior...”*; *“Em casa, a gente começou a falar mais alto. Conversávamos com ele e ele olhava bem na boca da gente. Se não estiver olhando para a boca ele não entende o que estamos falando. Se ele estiver de frente para você, ele entende”*.

O estudo não apresenta de forma explícita discursos voltados para a importância da Libras, com isso percebemos que nenhuma das mães abordadas mencionaram diretamente o critério. Podemos identificar abordagem de tal questão no discurso: *“A gente não entendia e ele batia os pés. Daí eu dizia: não estou entendendo. Falava uma coisa e não era. Falava outra coisa e também não era. Você tem que pensar que palavra que é e vai chutando até dar certo.”* Nessa fala, a língua de sinais não se faz presente, acarretando a dificuldade de comunicação com a criança surda.

O artigo 4, de Cruz (2014), os relatos das mães, participantes da pesquisa, revelaram que os seus filhos surdos se comunicavam com sua família por uma língua oral-auditiva, apresentando dificuldades na comunicação e, às vezes, se comunicando por meio mímicas e gestos caseiros. As mães relataram que a aquisição da Libras por seus filhos surdos facilitou a comunicação no âmbito familiar. A esse respeito podemos observar a fala de uma mãe: *“Minha*

*convivência com ele ficou muito melhor quando ele e eu aprendemos Libras. Ele é uma pessoa normal como qualquer outra, só utiliza uma língua diferente.*”. A terceira mãe do estudo expressou, em seu relato, sobre a importância da aquisição da Libras para a comunicação com a criança surda, Nas palavras de sua mãe foi por meio da Libras que seu filho se desenvolveu e que a Libras deve ser utilizada pelos surdos, expondo que: *“a Libras é a língua do surdo mesmo, pois foi com ela que ele aprendeu. O certo é que toda a família aprenda para se comunicar com seus filhos surdos.*”. Essas falas vão de encontro com as afirmações que, as línguas de sinais são de extrema importância, já que fortalece a comunicação entre a criança e a família, pois é através da língua comum que as crianças surdas filhas de pais ouvintes estarão em um ambiente favorável para o seu desenvolvimento (VILHALVA, 2001).

Por fim, o artigo 5, de Mara (2015), os relatos das mães, após questionadas sobre como seus filhos surdos começaram a se comunicar e como ocorreu seu desenvolvimento após o primeiro ano de diagnóstico da surdez, demonstraram que as famílias buscaram assistências para escolher qual processo o seu filho surdo deveria passar, revelando que todos os pais buscaram recursos médicos. Uma das mães do estudo explicou que sempre incentivou a sua filha a falar, mas aos 4 anos, sua filha começou a estudar e sempre contou com um intérprete de Libras, além de sempre frequentar a fonoaudióloga. A família sempre incentivou a oralidade, a mesma expõe que: *“minha filha sempre foi incentivada através da oralidade*”. Outra mãe, participante do estudo, declarou que gritava com seu filho e perdia a paciência por não conseguir se comunicar com ele, já que se comunicavam apenas por meio de apontamentos e gestos.

Fundamentadas na importância da comunicação, através da Libras, para um bom relacionamento no convívio familiar, as mães relataram que o uso da Libras é a forma de comunicação entre ela e sua filha e ambas se sentem satisfeitas. Outra mãe do estudo também expõe que o aprendizado da Língua de Sinais é de extrema importância para a comunicação com a criança surda, embora, nunca tenha feito nenhum curso de Libras para efetivar esse aprendizado.

Com base nesses relatos, percebe-se que a maioria dos filhos surdos inicialmente se comunicava por apontamentos e que a falta da comunicação em Libras ocasionou vários problemas de comunicação entre a criança surda e sua família ouvinte. Nesse sentido, de forma geral, os resultados das pesquisas descritas acima demonstram que a falta de informações acerca da surdez faz com que os pais se sintam confusos e receosos em relação à comunicação de seus filhos surdos, o que acarreta a busca tardia por ajuda de profissionais especializados. Contudo,

por meio do relato das mães é possível observar também que a aquisição da Libras pela criança surda, o conhecimento da cultura surda e aprendizagem da Libras pelos familiares surdos, podem facilitar a comunicação entre os pais ouvintes e as crianças surdas.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A família é o primeiro grupo social no qual a criança é inserida, influenciando na sua formação social e integral. Sendo assim, no caso das crianças surdas, filhas de pais ouvintes, a falta de comunicação surge quando há a ausência de uma língua semelhante com os pais ouvintes.

Com base nos critérios; (i) visões apresentadas pelos pais ouvintes sobre a surdez (visão clínica-médica ou uma visão de uso social da Libras); (ii) como ocorre a comunicação entre pais ouvintes e filhos surdos e a importância dada à aquisição da Libras, por pais ouvintes, esse estudo vem confirmar que, mesmo a partir da oficialização por meio da Lei nº. 10.436 e da implementação do Decreto 5626/05 por mais que possa ser notado um pequeno avanço nos discursos dos pais ouvintes em relação ao uso da língua e o seu para o desenvolvimento da criança surda, as suas possibilidades linguísticas e de aquisição da Libras como primeira língua das crianças surdas, ainda não são compreendidas, como essencial, pelos pais ouvintes. Visto que, nos discursos dos pais de 2004 a 2015, ainda podemos perceber que a visão clínica-terapêutica se faz presente, mesmo com o passar dos anos, ou seja, não é possível observar uma evolução muito grande, por meio da fala dos pais ouvintes, acerca da língua a ser adquirida pelos seus filhos surdos. Ao longo desse trabalho foi possível notar que a dificuldade de comunicação também é relatada nas falas dos pais ouvintes, o que gera preocupação e insegurança entre os mesmos, além de ausência de uma língua em comum entre a família e a criança surda.

Com isso, podemos observar como os pais carecem de informações acerca da surdez. Na visão de alguns pais, a Língua de Sinais foi o ponto chave para o seu desenvolvimento e o seu processo de aquisição da linguagem, entretanto, acham que a língua não é aprendida por muitas pessoas, o que dificulta a comunicação dos seus filhos surdos com a sociedade e até mesmo com o seu âmbito familiar. Outro ponto a ser considerado é que, em todos os estudos, somente as mães acompanham as crianças surdas, a fim de buscar melhor compreensão acerca da concepção de surdez. Entretanto, todas as mães demonstraram insegurança em relação a essas concepções. Podemos afirmar com base nos estudos analisados que a aquisição da Libras é de extrema importância para o pleno desenvolvimento da criança surda e para sua integração na sociedade.

## REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, C. C. M., & LACERDA, C. B. F.. **Linguagem e desenho no desenvolvimento da criança surda: implicações historicoculturais**. *Revista Psicologia em Estudo*, 2010, 15(4), 695-703. Santana, A. P.. *Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas*. São Paulo: Plexus, 2007.

AVELAR, THAÍS FLEURY; FREITAS, KARLLA PATRÍCIA DE SOUZA. **A importância do português como segunda língua na formação do aluno Surdo**. *Revista Sinalizar*, v.1, n.1, p. 12-24, jan./jun 2016.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial [da] União, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004/2006/2005/Decreto/D5626.htm#art1](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004/2006/2005/Decreto/D5626.htm#art1) >. Acesso em: 15 de novembro de 2021.

BRASIL. **Lei Federal N. 10436 de 24 de abril de 2002: Oficializa a Língua Brasileira de Sinais em território nacional**. Brasília 2002. Disponível em: Acessado em: 01 de novembro de 2019.

BEHARES, LUIS E. **Aquisição da linguagem e interação mãe ouvinte-criança surda. In: Repensando a educação da criança surda**. (org.) Instituto Nacional de Educação de Surdos INES. Divisão de Pesquisas, Rio de Janeiro, 1996.

BERGMANN, L.. **Repercussões da surdez na criança, nos pais e suas implicações no tratamento**. Espaço: Informativo Técnico Científico do Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2001. 16. 3-8.

BRITO, L. **Por uma gramática da língua de sinais**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995. CRUZ. RAQUECE. **O processo de aquisição da linguagem na perspectiva dos pais de alunos surdos**, v. 53, n. 9, p. 1689–1699, 2014.

EDUCAÇÃO DE SURDOS: **A aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes médicas, 1997.

GERHARDT, TE; SILVEIRA, DT. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GESSER, AUDREI. **LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GOMES, H. G. **Educação para família: uma proposta de trabalho preventivo**. *Rev. Bras. Cres. Des. Hum.*, São Paulo, v. 4, n. 5, p. 34-35, 1994.

GUARINELLO, ANA CRISTINA.. **Reflexões sobre as interações linguísticas entre familiares ouvintes - filhos surdos**. *Tuiuti: Ciência e Cultura*, v. 46, p. 151–168, 2013.

INGRAM, DAVID. **First language acquisition: method, description and explanation**. Cambridge: Cambridge University, 1989.

KARNOPP, L. B. **Aquisição Fonológica na Língua Brasileira de Sinais: estudo longitudinal de uma criança surda.** Porto Alegre, PUCRS: Tese de Doutorado, 1999.

LABORIT, E. **O vôo da gaivota.** São Paulo: Best Seller, 1994.

LACERDA, C.B. F. **A família ouvinte de sujeitos surdos: reflexões a partir do contato com a língua de sinais.** Temas Desenvolv., São Paulo, v. 67, n. 12, mar./abr. 2003.

LICHTIG I, BARBOSA FV. **Abordagem bilíngue na terapia fonoaudiológica de surdos.** In: Fernandes FDM, Mendes BCA, Navas ALPGP (orgs.) **Tratado de fonoaudiologia.** 2º ed. São Paulo: Roca; 2009. P.210-09.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. **A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo, SP: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MARA, ALZIRA F. **Análise da interação linguística entre pais ouvintes e filhos surdos no município de Ariquemes/RO.** 2015.

OLIVEIRA, RAQUEL GUSMÃO; SIMIONATO MARLENE; NIGRELLI MARIA ELISABETH E MARCON, SONIA. **A experiência de famílias no convívio com a criança surda.** *Acta Scientiarum - Health Sciences*, v. 26, n. 1, p. 183–191, 2004.

PIZZIO, Aline Lemos. **A Tipologia linguística e a língua de sinais brasileira: elementos que distinguem nomes de verbos.** Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2011.

QUADROS, E. C. de. **O ambiente familiar e as condições de acesso das crianças surdas à língua de sinais.** 2000. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Especial Infantil e Fundamental)–Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2000.

QUADROS, R. M.; CRUZ, C. R. **Língua de sinais: instrumentos de avaliação.** Porto Alegre: Artmed, 2011.

ROSSI, T.R.F. **Um processo em direção ao bilingüismo.** In: LACERDA, C.B.F.; NAKAMURA, H.; LIMA, M.C. (Org.). **Fonoaudiologia: surdez e abordagem bilíngüe.** São Paulo: Plexus, 2000. p. 99-102.

SILVA, ANGÉLICA BRONZATTO DE PAIVA; PEREIRA, MARIA CRISTINA DA CUNHA; ZANOLI, MARIA DE LURDES. **Mães Ouvintes com Filhos Surdos: Concepção de Surdez e Escolha da Modalidade de Linguagem.** *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 23, n. 3, p. 279-286, jul-set. 2007.

SILVA, ANGÉLICA BRONZATTO; PEREIRA, MARIA CRISTINA; ZANOLLI, MARIA DE LURDES. **Mães ouvintes com filhos surdos: Concepção de surdez e escolha da modalidade de linguagem.** *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 23, n. 3, p. 279–286, 2007.

SILVA, L.S; BASTOS, T. **Pais ouvintes e filhos surdos: impasses na Comunicação.** 2013. Entrelaçando - Revista Eletrônica de Culturas e Educação Caderno Temático: Educação Especial e Inclusão Nº. 8 p. 25-34, Ano IV (Junho/2013)

SCHMIEDT, M. L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília : MEC, SEESP, 2006.

SKLIAR, C.B. **Um olhar sobre nosso olhar acerca da surdez e as diferenças**. In: SKILIAR, C.B. (ong). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

STELLING, E. P. *A relação da pessoa surda com sua família*. Revista Espaço, Rio de Janeiro, n 11, p. 45-47, 1999.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura Surda**. Florianópolis: UFSC, 2013.